



ÁREA TEMÁTICA: Desporto, Turismo e Lazer

Samurais na modernidade europeia: motivações e entendimentos dos karatecas portugueses

STOLEROFF, Alan

Doutor em Sociologia, Sindicalismo e Relações Laborais; Artes Marciais e Desportos de Combate

ISCTE

alan.stoleroff@iscte.pt

ROSA, Vítor

Doutorando em Sociologia

Artes Marciais e Desportos de Combate

ISCTE

vitor.rosa@mail.pt

Resumo

Fora da sua instrumentalização militar-policial, o karaté moderno integra-se num processo civilizacional analisado pelo sociólogo alemão Norbert Elias (2006), em que a violência se transforma em convenções controladas. É veiculado por práticas convencionais, mas expresso através de discursos e símbolos adaptados do Japão para o "Ocidente". O karaté constitui, assim, uma linguagem própria e possui uma cultura identitária, partilhando sentimentos de pertença e possui significados estruturadores, concepções de vida e de normas de conduta. O karaté que se pratica e a maneira de o praticar (alta competição, forma lúdica desportiva ou *budô*) constitui, na esteira do pensamento de Pierre Bourdieu (2001: 9), um *habitus*, ou seja, o princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição num estilo de vida unitário.

O objectivo da comunicação visa traçar um perfil sociológico dos praticantes de karaté em Portugal: das representações dos actores, dos significados da sua prática, da identidade social daí derivada, e, assim, das culturas das comunidades de praticantes. Procura-se desenvolver uma análise das motivações e entendimentos dos praticantes. Para além da observação-participante, a análise empírica baseia-se em resultados de um inquérito por questionário a praticantes avançados de karaté.

Com a realização desta investigação sociológica, esperamos contribuir para perspectivar o significado e interesse desta modalidade, extremamente rica e variada em contos e narrativas, que a tradição budista e shintoísta não deixou de engrandecer com as suas histórias, lendas e mitos, desfazendo alguns preconceitos ou estereótipos que se estabelecem sobre si.

Palavras-chave: Sociologia do Desporto e das Artes Marciais; Karaté; Cultura e Motivações dos Karatecas





Introdução

O karaté é um sistema de combate de “mãos vazias”, no qual os membros inferiores e superiores são utilizados como armas.¹ As origens desta forma de luta proveniente do “Oriente” são incertas, embora a bibliografia especializada refira que as suas raízes surgiram na Índia, seguindo para a China e chegando ao arquipélago de Okinawa, província mais a sul do Japão. Prática secreta de auto-defesa no passado, acabaria por ser introduzida no Japão, no início do século XX, por Gichin Funakoshi (1868-1957), e aí institucionalizou-se como disciplina marcial moderna na charneira entre preparação física militar e desporto.

Na sequência da Segunda Guerra Mundial, a prática do karaté espalhou-se pelo mundo, tornando-se numa actividade relativamente massificada. Passando do seu secretismo, o karaté actualmente divulga-se por livros e revistas dirigidos aos praticantes e admiradores, mas como objecto de investigação sociológica é um fenómeno muito pouco estudado, tanto em Portugal como nos outros países, incluindo o Japão.

Do ponto de vista sociológico, o karaté é um “objecto complexo” (na expressão de Edgar Morin, 1977), pois enquanto objecto de investigação ele divide-se em múltiplas vertentes: como arte marcial a sua prática desdobra-se em prática desportiva com finalidades competitivas e de desenvolvimento corporal e em disciplina marcial, exemplo de um conjunto de disciplinas derivadas de antigas práticas marciais que mantêm referências a tradições guerreiras, entre as quais a mítica tradição dos Samurais do Japão.

Porém, como analisado por Norbert Elias (2006), o karaté como prática de massas, fora do contexto da sua instrumentalização militar e policial, integra-se num processo civilizacional em que a violência se transforma em convenções, repertórios e gestos e competições controladas. Assim, o karaté faz parte de um conjunto de modernos “desportos orientais de combate”, mas com uma tradição própria associada com o Japão e Okinawa.

O karaté moderno é veiculado por práticas convencionais, bem como por imagens, discursos e uma panóplia de símbolos adoptados e adaptados do Japão para o “Ocidente”. Em palavras mais perspicuas, o karaté enquanto prática de treino e desporto constitui uma linguagem e possui uma cultura identitária; partilha a expressão de sentimentos de pertença e tem uma matriz de significados estruturadores, de concepções de vida e de padrões de conduta. As motivações para a prática e os entendimentos ou significados do karaté (ou de outras modalidades semelhantes) para os praticantes constroem, assim, um campo específico de investigação em sociologia (do desporto, das organizações desportivas, da cultura, do corpo, etc.).²

O objectivo da nossa investigação visa, portanto, contribuir para o desenho de um perfil sociológico dos praticantes de karaté em Portugal, país de cultura contextual “ocidental”, sendo que este deve ser entendido não como um levantamento de dados sociográficos representativos dos praticantes, mas como um retrato das culturas das comunidades de praticantes construído através das representações dos actores, dos significados da sua prática e da identidade social daí derivada (Clément, 1995). Procura-se desenvolver uma análise das práticas, por um lado, e das expectativas, motivações, atitudes, crenças e valores dos praticantes, por outro. Para completar o retrato, procura-se detectar as normas e reconstruir as ideologias comuns às culturas das comunidades de praticantes.

O objectivo delimitado desta comunicação será apresentar uma análise das motivações para a prática do karaté. Esclareça-se aqui que por motivações queremos dizer as intenções e os fins que levam à prática do karaté e à inserção em comunidades de praticantes. Pode-se também referir às expectativas dos praticantes para com a sua prática. Por isso, falamos dos entendimentos dos praticantes. Por entendimento queremos também dizer a forma como os praticantes enquadram a sua prática, ou seja, em que medida os praticantes relacionam o treino do karaté com uma cultura própria das artes marciais e desportos de combate.



Existindo tantos desportos (aliás, existe uma oferta cada vez mais ampla de modalidades desportivas neste mundo de lazer construído comercialmente!), por que é que se pratica karaté? Por que é que um modelo afastado das concepções ocidentais de exercício corporal pode seduzir várias pessoas *a priori* não orientalistas? Como explicar o sucesso do karaté (e de outras artes marciais) no nosso território? Será por motivos associados com a manutenção corporal e saúde ou por motivos desportivos lúdicos ou de competição? Além das motivações possíveis associadas com a actividade física e desporto em geral, considerando que o karaté é uma actividade particular de combate, haverá motivações não só associadas a essa finalidade combativa, que ultrapassam a actividade motor e corporal em si?

Ao elenco de possíveis motivações para a prática de qualquer desporto, em princípio há motivações particulares (bem como influências) que levam os indivíduos a tomarem opções específicas quanto à ocupação do seu tempo de lazer.³ A preferência pelo karaté, enquanto arte de combate, mas também **enquanto arte marcial derivada da cultura guerreira japonesa** – que vamos referir em termos de *Budô*⁴ – implica uma complexidade de considerações que, a nosso ver, potencialmente diferenciam a prática das artes marciais “orientais” de quaisquer outros desportos.⁵ Em grande parte, a especificidade das motivações para o treino do karaté deriva da origem do karaté numa cultura societal radicalmente diferente da cultura originária dos praticantes. Neste sentido, o karaté possui rituais, aliás, o karaté é repleto de **rituais e terminologia**, que necessitam ser “adoptados” ou “incorporados nos corpos” (feitura do *habitus*, na expressão de Pierre Bourdieu, 2001, e de Loïc Wacquant, 2000) pelos praticantes.⁶ Além disso, as artes marciais orientais são em grande parte sistemas de natureza tendencialmente holística, ou seja, a finalidade do treino, embora envolvendo geralmente simulação de violência guerreira ou controlo de golpes, pode relacionar-se com um estilo de vida e, até certo ponto, com um imaginário de vida guerreira. Por isso, o título da nossa comunicação e projecto se refere aos “*Samurais*”.⁷

Nesta comunicação queremos abordar as motivações para a prática do karaté enquanto indicadores da adesão a uma cultura de praticantes, uma cultura karateca associada com a identidade de *Budô*. Serão os karatecas os “*Samurais na modernidade europeia*”? Esta pergunta leva-nos a questionar até que ponto os praticantes do karaté em Portugal na actualidade (ou seja, numa sociedade europeia moderna) aderem a uma aspiração marcial cujas referências os demarcam não só de outros praticantes de desporto, mas enquanto comunidade identitária.⁸

Para explorar a problemática enunciada, vamos aqui analisar como praticantes do karaté – de alto nível e com um patamar mínimo de experiência – atribuem importância a determinadas motivações e expectativas para o seu treino. Em seguida, analisaremos a concepção que os praticantes têm do seu treino, ou seja, se concebem o seu treino enquanto expressão do *Budô* ou enquanto expressão quer do desporto competitivo ou lúdico.

Para desenvolver esta investigação sobre a prática e os praticantes do karaté em Portugal, para além da nossa observação-participante,⁹ recorreu-se a um inquérito por questionário a praticantes avançados de karaté (cintos castanhos e negros de vários estilos presentes em Portugal).¹⁰ A análise empírica desta comunicação baseia-se principalmente em resultados provisórios deste inquérito.

O inquérito e a investigação foram dirigidos para karatecas com nível avançado devido à natureza da problemática de investigação enunciada em cima. Se a nossa utilização de conceitos identitários e culturais tiver um sentido, a pertença a uma comunidade estruturada em torno da prática do karaté tem que ser demonstrada. Portanto, não é a aprendizagem (ou a socialização) para esta cultura-comunidade que está aqui em causa; queremos retratar uma comunidade à qual a pertença já é efectiva e demonstrada. Consideramos que, geralmente, é só a partir do grau de 1º Kyu (cinto castanho) que a própria comunidade de karatecas reconhece a pertença “em pleno estatuto” do praticante. Em princípio, é a partir desse grau que se pode ensinar karaté; porquanto, a partir deste momento de reconhecimento de competência e qualificação, a própria comunidade estabelecida de praticantes recruta e induz um membro devidamente credenciado. A graduação (a hierarquização das graduações tem um peso considerável nas relações dentro



dos grupos de praticantes) serve como indicador de uma pertença, bem como de uma experiência suficientemente longa para permitir o domínio dos códigos de comunicação do(s) grupo(s).¹¹

Através de um processo de amostragem do tipo “bola de neve” (Vicente et al., 1997), no momento deste trabalho acumulamos 169 questionários validados (indivíduos de ambos os sexos, entre os 13 e os 71 anos). Nesta comunicação, trataremos apenas de perguntas que revelam as motivações dos karatecas para a sua prática e algumas perguntas que abordam explicitamente a concepção que os karatecas têm da sua prática.

1. Apresentação de resultados

1.1. Os estilos de karaté em análise

Existe uma variedade de estilos (*ryu*, na designação japonesa) e sistemas de karaté em todo o mundo. Os quatro principais estilos de karaté, que são apelidados de “tradicionais” (reclamando-se de um regresso às origens, à pureza das origens), são: Shotokan, Wado-Ryu (estilos japoneses), Goju-Ryu e Shito-Ryu (okinawenses). Cada estilo (ou variante) tem adeptos próprios e um programa específico de graduações (enquanto forma de verificar o desempenho e o desenvolvimento dos alunos). Para o karateca o estilo é a base da sua identidade e é típico, senão frequente, ouvir (nos centros de prática, nos estágios, nos balneários, etc.) praticantes mais graduados a verbalizar que o estilo que praticam os prepara melhor do que os outros, sem que lhes faltem argumentos para justificarem a razão das técnicas aplicadas.¹² Para uma melhor compreensão do leitor, vejamos alguns detalhes sobre cada um dos estilos de karaté, e que se encontram presentes em Portugal:

Shotokan – Shoto foi o pseudónimo escolhido por Gichin Funakoshi (1868-1957) para assinar os seus poemas e o termo Shotokan significa “a casa de Shoto”. Neste estilo de karaté, a ênfase é colocada no *kata* (uma sequência predefinida de exercícios praticados sem parceiro), que usa posições baixas e fortes para garantir uma base sólida para as técnicas elementares. Embora tenha sido Funakoshi o fundador do Shotokan, na realidade foi o seu filho Yoshitaka (Gigo) Funakoshi (1906-1945) que o desenvolveu na forma em que hoje o conhecemos. Rapidamente cresceu em popularidade, suportado e regulado pela *Japan Karaté Association* (JKA), fundada em 1955, e pela *Shotokan Karaté Association* (SKA), fundada em 1968. O aparecimento tardio de outros estilos explica, segundo Pascal Le Rest (2000), a predominância do Shotokan na Europa. Historicamente, foi o primeiro estilo de karaté implantado em França nos anos cinquenta, “*et pris ses lettres de noblesse*” (Le Rest, 2000: 171), com o mestre japonês Kasé no início dos anos sessenta. É considerado como o mais tradicional e fundamentalista dos sistemas japoneses de karaté, e continua a sofrer de um forte conflito interno entre estas duas organizações. Os conflitos passam por vários aspectos, nomeadamente pela interpretação das técnicas, dos *katas* e dos conceitos básicos inerentes a esta arte.

Goju-Ryu – significa estilo “duro-suave”. É uma combinação entre as técnicas chinesas suaves e os duros/violentos métodos de treino de Okinawa. Esta “escola” foi fundada por Chogun Miyagi (1888-1953). No *kata*, o Goju-Ryu enfatiza os movimentos rápidos e lentos, a tensão e o relaxamento, com um profundo controlo da respiração abdominal. Tem como característica os movimentos pequenos e firmes.

Wado-Ryu – significa “o caminho da harmonia”. Quando Gichin Funakoshi realizava demonstrações, normalmente era acompanhado pelos seus melhores alunos. Hironori Ohtsuka (1892-1982) era um desses alunos, que começou a treinar com Funakoshi em 1926. Ohtsuka, baseado na sua experiência em várias artes marciais, nomeadamente o judo, e com um conhecimento aprofundado da “ciência dos pontos vitais” (*atemi-waza*), funda, em 1939, este estilo de karaté, que utiliza técnicas livres de tensão (movimentos súbitos). O Wado-Ryu apoia-se



fortemente nos exercícios de demonstração desenvolvidos por Ohtsuka. As posições deste estilo são ligeiramente mais altas do que as usadas no Shotokan.

Shito-Ryu – fundado, em 1939, por Kenwa Mabuni (1889-1952), este estilo combina dois dos principais estilos antigos de Okinawa (*Shuri-te* e *Naha-te*). As posições são naturais e nos ataques utilizam-se, normalmente, posições mais altas do que nas defesas. Utilizam-se muito as técnicas de mão aberta. Também é característica complementar deste estilo o estudo e a prática do kobudo (armas tradicionais japonesas). O japonês Yoshinao Nanbu, campeão de França em 1967, foi o principal impulsionador do karaté Shito-Ryu em França nos finais dos anos sessenta. Embora o Shito-Ryu seja popular no Japão, não se expandiu muito além fronteiras. Em França, por exemplo, e no seio da *Fédérations Française de Karaté et Disciplines Associées* (FFKDA), é considerado como um “parente pobre” (Le Rest, 2000: 171).

Dito isto, no questionário aplicado conseguiu-se o registo de quatro estilos de karaté, com representação em 34 clubes¹³ e 14 associações da modalidade, que estão implantados(as) e distribuídos(as) de forma diferenciada pelo território nacional. Na fase de trabalho em que nos encontramos, ainda não se conseguiu nenhum questionário com praticantes do estilo Shito-Ryu. O estilo Shotokai (essencialmente via mestres Tetsuji Murakami e Mitsusuke Harada) é, até ao momento, o mais representativo em termos de ocorrências (53,3%).

Estilos de Karaté	N	%
Shotokai	90	53,3
Shotokan	32	18,9
Goju-Ryu	25	14,8
Wado-Ryu	22	13,0
Total	169	100,0

Quadro 1 – Estilos de Karaté

A nossa experiência permite-nos afirmar que a maioria dos praticantes quando se inscreve num clube ou associação de karaté desconhece os vários estilos existentes. Só se toma consciência da divisão/fragmentação do karaté em estilos quando se progride na modalidade. Consideramos que não existe uma supremacia objectiva de um estilo de karaté relativamente a outro. Se os colocássemos num prato da balança, iríamos verificar que todos eles têm aspectos positivos e negativos quer em termos de aplicação de técnicas propriamente ditas, quer na forma como os instrutores dão o treino.¹⁴



1.2. Repartição por sexos

Na repartição dos nossos karatecas inqueridos por sexos, verifica-se que os homens são bem mais numerosos (86,4%, n= 146) do que as mulheres (13,6%, n= 23).

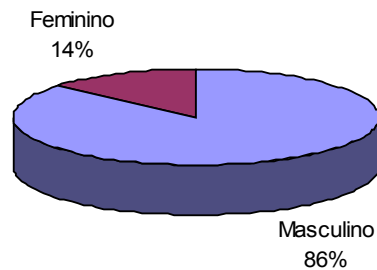


Gráfico 1 – Distribuição dos inqueridos, por sexo

Nas *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio* de 2005, publicadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), é também possível verificar esta discrepância entre género. O número de praticantes masculinos é de 10.489 e o número de praticantes femininos é de 3.397. Poder-se-á perguntar: por que é tão diminuta a presença das mulheres nesta modalidade?

Fátima Rodrigues, historiadora e praticante de karaté, alega (Rodrigues em Silva, 1991: 56), que “(...) o percurso social da mulher portuguesa – casar, ter filhos, etc. – geralmente a leva a afastar-se deste tipo de actividades”. Por outro lado, “(...) porque no interior do próprio treino, e mesmo entre colegas bastante graduados, se verifica uma certa discriminação, embora tendente a desaparecer”.

Ken’ei (2004: 35) não se refere directamente à discriminação de género, mas opina que a pouca participação das mulheres deve-se ao karaté ser cada vez mais competitivo.

O sociólogo francês Jacques Defrance (1995: 31) observa que “(...) *quand une fille refuse d’entrer dans un sport «pour filles» et se soumet aux apprentissages nécessaires pour intérioriser des dispositions ajustées à la pratique d’un sport «viril», elle obtient difficilement la reconnaissance des pratiquants masculins qui lui reprochent (...) son manque de performance*”. Destaca também que “*L’exclusion des femmes est d’autant plus nette qu’un sport cultive la violence physique brute*”. E ainda que “(...) *L’inégalité peut prendre d’autres formes que l’exclusion, comme lorsque les femmes sont acceptées, mais qu’on juge leurs compétitions sur le «style», alors que celles des hommes sont jugées sur la performance*” (id. ib.: 33).

Para Bernard Gresser e Christian Dorville (2006), e apesar de um crescimento notável da participação das mulheres nas modalidades desportivas (segundo vários inqueritos), a luta, o rugby, o boxe, etc. são considerados como “bastiões ou enclaves masculinos”. Perante estes factores, as mulheres orientam-se para soluções alternativas, nomeadamente as práticas que existem nos actuais *health clubs*.



1.3. Habilitações literárias

Na obra *La distinction: critique sociale du jugement* (1979), Pierre Bourdieu observa quais as actividades desportivas opcionais de cada classe social (cf. gráficos nas páginas n.º 140 e 141). Os de Volume Capital +, isto é, de Capital Cultural + e Capital Económico +, optaram por actividades individuais, sem contacto corporal (ex: marcha, natação, surf, expressão corporal, asa delta, etc.), enquanto os de Volume Capital –, isto é, de Capital Cultural – e Capital Económico –, são atraídos pelas actividades colectivas e de contacto corporal (ex: desportos de combate, rugby, futebol, etc.). Este poderia ser um dos aspectos a explorar relativamente às classes sociais dos que praticam as artes marciais, nomeadamente o karaté. Mais concretamente sobre as artes marciais e desportos de combate era importante verificar se as lutas “corpo a corpo” e a expressão de força física atrai mais os membros das classes populares e as franjas baixas das classes médias.

No nosso caso, e nesta fase do trabalho, escolhemos o campo das habilitações literárias, que poderíamos colocar na categoria Capital Cultural, como indicador. Dito de outro modo, interessa saber se o grau de habilitações literárias tem influência sobre as motivações e o sentido de comunidade. Enquanto na sociedade, a classe social diferencia no sentido de desigualdade e suas consequências, será que através de uma prática esotérica e da comunidade daí construída que se reproduz a distinção social? Ou emerge uma comunidade de iguais (cuja diferenciação apenas se desenha com base na qualificação)?

Será que os praticantes de karaté, sem hierarquia de classes sociais, vão para o centro de prática treinar o corpo e o espírito, segundo a via (*Dô*), desenvolver, através da dura aprendizagem das técnicas, as qualidades físicas e morais (endurecimento, vontade, perseverança, lealdade, força de carácter) e combater os defeitos, como as vaidades, o orgulho, a preguiça, etc.?

Pela análise de frequências relativas às habilitações literárias, constata-se elevados capitais escolares por parte dos inquiridos. Se agruparmos as frequências em três categorias: ensino superior, ensino secundário e até ao 3.º ciclo, obtemos os seguintes valores: ensino superior 42% (n= 71); ensino secundário 27,2% (n= 46) e até ao 3.º ciclo 30,8% (n= 52). O nível de ensino modal, que frequentaram ou concluíram, é a licenciatura.

Habilitação Literárias	N	%
Doutoramento	1	0,6
Mestrado	13	7,7
Licenciatura	53	31,4
Bacharelato	4	2,4
Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos)	46	27,2
3.º Ciclo (7.º, 8.º e 9.º anos)	38	22,5
2.º Ciclo (5.º e 6.º anos)	8	4,7
1.º Ciclo (escola primária)	5	3,0
Outro	1	0,6
Total	169	100,0

Quadro 2 – Distribuição dos inquiridos, por nível de ensino

Será que há diferenças entre a distribuição das habilitações literárias e o género na nossa amostra? Ora, sendo uma das preocupações do trabalho encontrar uma relação (ou ausência dela) entre a opinião dos praticantes sobre diversos aspectos da sua prática, afigurou-se-nos importante garantir o controlo de outras variáveis que pudessem estar correlacionadas. Para isso, precisamos conhecer a probabilidade de existir uma relação entre as duas variáveis na população de onde saiu a amostra. Para estabelecer essa probabilidade, o teste do qui-quadrado de *Karl Pearson*, simbolizado por χ^2 , é muito utilizado em conjunto



com as tabelas de contingência (*cross tabulation*). O objectivo é aceitar a hipótese nula, ou seja, de que não há diferença/associação entre as variáveis (dito de outro modo, não há um padrão como as habilitações literárias se distribuem nos homens e nas mulheres) e a hipótese alternativa, isto é, existe uma relação entre as duas variáveis na população de onde foi retirada a amostra. Os valores mínimos que se costumam utilizar para rejeitar a hipótese nula são de 0,05, 0,01 ou 0,001 (Reis et al., 1999).

Tendo isto presente, o *output* resultante diz-nos que $\chi^2 = 2,504$; d.f.= 8; $p = 0,962$. Este último número (significância) diz-nos que o padrão de distribuição do nível de habilitações dos homens é diferente do padrão da distribuição do nível de habilitação das mulheres. O *Cramer's V* (medida de associação entre variáveis, configurando-se como um coeficiente de correlação que oscila entre 0, indicado a ausência de correlação, e 1, indicando uma correlação perfeita), é igual a 0,962, logo é uma associação muito forte. Nesta população, e com base na tabela de contingência, são os homens que têm maior tendência para serem licenciados e para terem o secundário completo do que as mulheres.

Estes dados permitem-nos avançar com a hipótese de que o karaté é maioritariamente praticado por homens de classes médias, bem dotados de um capital escolar e cultural. Não sendo um “desporto chique” e “socialmente distinguido”, para utilizarmos duas expressões de Jean-Paul Clément (2001: 175-199), o karaté não é um desporto popular ou de massas (poucos os desportos o são, com excepção do futebol).

1.4. Actividade económica

Quanto à actividade económica, a distribuição de frequências revela que 43,8% dos inquiridos trabalha por conta de outrem, 10,7% trabalha por conta própria, 7,1% são patrões e 32,5% são estudantes. Se agruparmos em duas grandes categorias: população activa (excluindo o trabalhador familiar não remunerado, serviço militar, doméstica, reformado, outra situação e não sabe/não responde) e estudantes, é possível obter a seguinte distribuição: população activa 62,1% (n= 105) e estudantes 32,5% (n= 55).

Actividade Económica	N	%
Patrão	12	7,1
Trabalhador por conta de outrem	74	43,8
Trabalhador por conta própria	18	10,7
Trabalhador familiar não remunerado	1	0,6
Serviço militar	1	0,6
Estudante	55	32,5
Doméstica	1	0,6
Reformado(a)	4	2,4
Desempregado(a)	1	0,6
Outra situação	1	0,6
Não sabe/não responde	1	0,6
Total	169	100,0

Quadro 3 – Distribuição dos inquiridos, perante a actividade económica

O *output* relativo ao cruzamento actividade económica (população activa *versus* estudante) e sexo, permite constatar que $\chi^2 = 0,771$; d.f.= 1; $p = 0,383$. Este último valor diz-nos que existem diferenças entre as variáveis. O *Cramer's V* = 0,380, logo, é uma associação média. Nesta população, e segundo a tabela de contingência, são os homens que têm maior tendência para trabalharem por conta de outrem e serem estudantes do que as mulheres.



2. Motivações e entendimentos dos karatecas

Relativamente às motivações e entendimentos dos inquiridos para a prática do karaté, e utilizando uma escala que varia entre “muito importante” e “nada importante” é possível apresentar o seguinte quadro:

Valorização dos Motivos para a Prática do Karaté	Muito Importante	%	Algo Importante	%	Pouco Importante	%	Nada Importante	%	NS/NR	%	Total
1 Bem-Estar Físico (e.g. desenvolvimento corporal e motor, manter a forma física, preparação física)	134	79,3	34	20,1	0	0,0	0	0,0	1	0,6	169
2 Bem-Estar Psicológico (e.g. compensação de stress, distração de preocupações)	132	78,1	31	18,3	4	2,4	1	0,6	1	0,6	169
3 Desenvolvimento comportamental e de carácter (e.g. auto-controlo, auto-domínio, controlo de agressividade, controlo na interacção, respeito, disciplina)	115	68,0	45	26,6	7	4,1	1	0,6	1	0,6	169
4 Prazer elicitado pela prática de karaté (e.g. gozo e fruição proporcionados pela actividade do karaté)	104	61,5	48	28,4	14	8,3	2	1,2	1	0,6	169
5 Desenvolvimento mental (e.g. aumento da capacidade de concentração e de capacidade cognitiva)	100	59,2	58	34,3	7	4,1	2	1,2	2	1,2	169
6 Defesa Pessoal	76	45,0	74	43,8	14	8,3	3	1,8	2	1,2	169
7 Convívio e Afiliação (e.g. manutenção ou aquisição de amizades, integração num grupo)	50	29,6	92	54,4	24	14,2	2	1,2	1	0,6	169
8 Competição (e.g. envolvimento em torneios ou campeonatos amadores ou profissionais)	25	14,8	30	17,8	51	30,2	61	36,1	2	1,2	169
9 Procura espiritual ou religiosa	15	8,9	33	19,5	60	35,5	59	34,9	2	1,2	169
10 Desenvolvimento de uma actividade profissional (e.g. oportunidade proporcionada para ser instrutor, formador, técnico de arbitragem)	13	7,7	31	18,3	61	36,1	62	36,7	2	1,2	169

Quadro 4 – Distribuição dos inquiridos, segundo as motivações e os entendimentos

Uma primeira análise aos dados apresentados no Quadro 4, permite constatar que os karatecas da nossa amostra atribuem a maior importância ao bem-estar físico (79,3%) e psicológico (78,1%) na prática do karaté. A seguir consideram muito importantes o desenvolvimento comportamental e de carácter (68,0%), o prazer da prática (61,5%) e o desenvolvimento mental (59,2%). Os respondentes atribuem menor importância ao desenvolvimento de uma actividade profissional relacionada com a modalidade (7,7% muito importante, 36,7% nada importante) e à procura espiritual ou religiosa (8,9% muito importante, 34,9% nada importante). Para a competição, é atribuída uma importância bastante dividida com 36,1% a considerá-la nada importante, mas com 14,8% e 17,8% a considerá-la muito ou algo importante, respectivamente. A defesa pessoal é considerada importante, mas com uma diferenciação entre muito importante (45,0%) e algo importante (43,8%). Estes dados estão em consonância com conclusões de outros trabalhos por nós realizados em 2006 e 2007 (Rosa, 2006b e 2007a). Portanto, notamos que para a generalidade dos respondentes existe uma série de itens que são quase unanimemente atribuídos algum grau de importância e outros que são considerados sem ou com pouca importância.

Será que existe diferenciação de opinião entre homens e mulheres relativamente à importância dos motivos escolhidos para a prática de karaté? Será que existem diferenças entre os motivos e actividade económica (população activa versus estudantes)? Para responder a estas duas questões, utilizámos o teste-*t student* (paramétrico) para duas médias. Neste caso, utilizamos duas hipóteses: H0: as variâncias das amostras são iguais; H1: As variâncias das amostras são diferentes. No caso da primeira questão, os resultados apurados dizem-nos que apenas no motivo “desenvolvimento mental (e.g. aumento da capacidade de concentração...)” ($t = 2,204$; d.f. = 39; $p = 0,034$) existe diferenças de opinião entre homens e mulheres. Para a segunda questão, os resultados apontam para a existência de diferenças entre a opinião da população activa e dos estudantes relativamente aos motivos “bem-estar físico e bem-estar psicológico” ($t = -2,174$;



d.f.= 88; $p= 0,032$; $t= -2,210$; d.f.= 73; $p= 0,030$, respectivamente), mas mais forte no motivo “competição” ($t= -3,689$; d.f. = 90; $p < 0,000$). Em Portugal, e segundo o estudo de Figueiredo (2006), os infantis são o escalão que mais participa nas competições federadas nacionais, mas o quadro competitivo é semelhante ao modelo sénior.

Será que existe diferenciação de opinião em função das suas habilitações entre os karatecas relativamente à importância dos motivos escolhidos para a prática de karaté? Para responder à pergunta se existem diferenças entre os motivos e o nível de habilitações (agrupando em três grandes categorias: ensino superior, ensino secundário e até ao 3.º ciclo), recorreremos ao teste paramétrico ANOVA *One-Way*. A análise de variância (ANOVA) analisa as diferenças entre duas ou mais médias. As hipóteses de trabalho são: H0: Não há diferenças de variância entre os grupos; H1: Há diferenças de variâncias entre os grupos. A análise do *output* leva-nos a rejeitar a hipótese nula, ou seja, a hipótese de que não há diferenças entre os grupos, com excepção para os motivos “defesa pessoal” e “competição” para o nível “até ao 3.º ciclo”.

3. Diferentes formas de praticar o karaté

A nossa problemática pretende revelar em que medida a prática do karaté associa-se com uma comunidade cuja identidade deriva de uma adesão à concepção de *Budô*. Para o sociólogo japonês Kenji Tokitsu, e contrariamente a uma ideia vigente no meio das artes marciais, o *Budô* não saiu da prática guerreira das artes marciais. É uma concepção moderna que visa a formação global do homem, intelectual e físico, através de disciplinas tradicionais de combate. O *Budô* evoca uma imagem séria, de severidade, de ritual, de respeito pelos mais antigos e pelos mestres, de meditação silenciosa, etc. (Tokitsu, 2000: 13-14). Portanto, a distinção entre *Budô* e o desporto lúdico ou competitivo é uma questão da associação da prática com uma maneira de ser na prática física e no mundo.

Neste sentido, a prática do *Budô* (enquanto forma de estar na vida e de entender o karaté) leva a que esta modalidade ultrapasse a questão desportiva e coloca o karaté (e outras artes marciais, pois a realidade é semelhante) numa designação ambígua (Clément, 1985): desporto, arte marcial, arte ou *Budô*? Por outro lado, e nesta miríade de hipóteses de prática, verifica-se que existem diferenças de atitude no empenhamento e fervor associado ao karaté, quando exercida por praticantes avançados ou iniciados.

Duas perguntas do nosso questionário prendem-se com a orientação ou concepção do karaté que os praticantes privilegiam (vertente pessoal) e sobre a orientação da prática do karaté que é privilegiado no *dojo* (centro de prática) (vertente externa, direccionada pelo instrutor). As conclusões são praticamente semelhantes, como nos ilustram os dois gráficos seguintes, mas ressalta um aspecto muito interessante de como os praticantes de karaté entendem a sua prática.

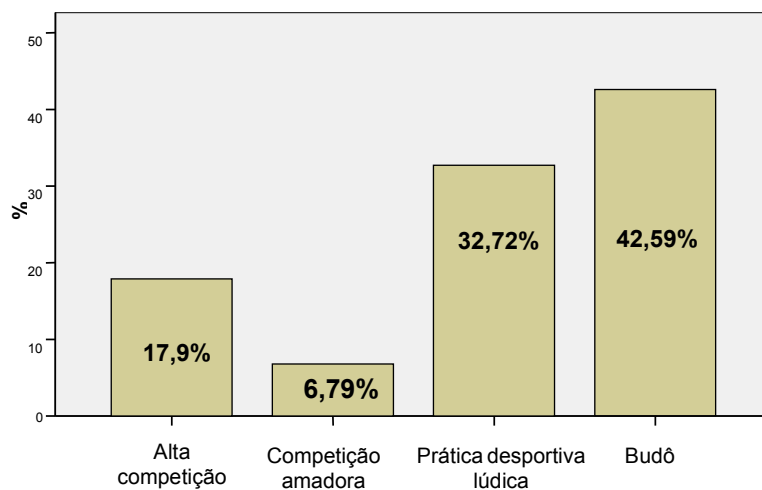


Gráfico 2 – Distribuição dos inquiridos, segundo a concepção ou orientação do karaté que privilegiam

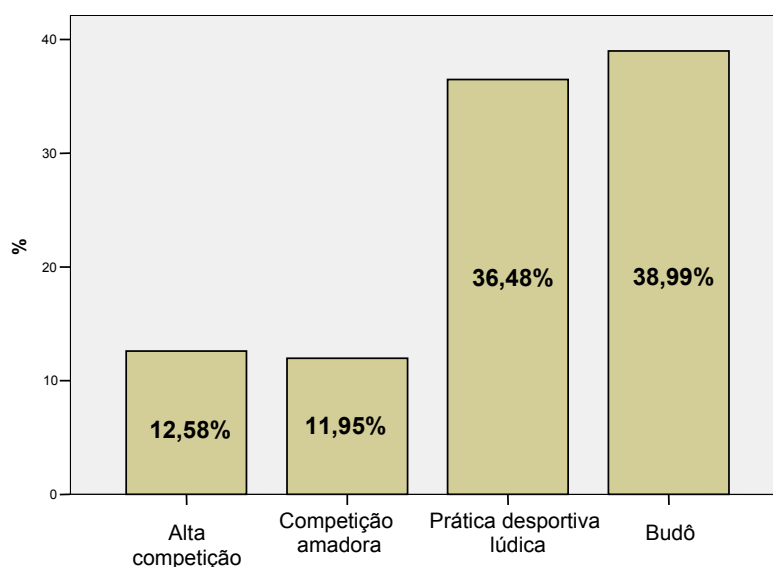


Gráfico 3 – Distribuição dos inquiridos, segundo a concepção ou orientação do karaté que é privilegiada nos centros de prática

Os dois gráficos (n.ºs 2 e 3) mostram que a maior percentagem dos nossos respondentes, mas não a maioria, indica a preferência por uma concepção da sua prática enquanto *Budô*. Esta questão é ainda comprovada com a importância que os praticantes dão aos códigos das normas de conduta do *dojo* associado aos princípios éticos do *Budô* e à manutenção dos ritos e símbolos oriundos do Japão, como revela o quadro seguinte. Contudo, como se pode verificar, uma percentagem quase igual de praticantes indica uma preferência para uma concepção da sua prática como um desporto lúdico.



Atribuição do grau de importância a aspectos relacionados com a prática do karaté		Muito Importante	%	Algo Importante	%	Pouco Importante	%	Nada Importante	%	NS/NR	%	Total
1	Ao código das normas de conduta do dojo associado aos princípios éticos do budô	117	69,2	44	26,0	3	1,8	1	0,6	4	2,4	169
2	À manutenção dos ritos e símbolos oriundos do Japão na prática do karaté	75	44,4	81	47,9	12	7,1	0	0,0	1	0,6	169
3	À dimensão espiritual da modalidade	69	40,8	73	43,2	23	13,6	2	1,2	2	1,2	169
4	Às passagens de graduação e à hierarquização pelas graduações entre os praticantes	63	37,3	74	43,8	27	16,0	4	2,4	1	0,6	169
5	À manutenção da ligação com e liderança de mestres japoneses	59	34,9	90	53,3	15	8,9	2	1,2	3	1,8	169

Quadro 5 – Atribuição do grau de importância a aspectos relacionados com a prática do karaté

O que nos parece mais interessante nestes resultados é que os inquiridos quase unanimemente atribuem importância aos códigos do Budô. A maioria (69,2%) atribui mesmo muita importância aos códigos do Budô. No entanto, percentagens expressivas relativizam a importância que atribuem aos ritos e símbolos oriundos do Japão, à hierarquização entre os praticantes e à manutenção da liderança de mestres japoneses. A grande maioria dos inquiridos ainda atribui alguma ou muita importância à dimensão espiritual da modalidade. Por um lado, há aqui da parte de um núcleo de praticantes claramente manifestado um forte compromisso com valores que temos vindo a associar com a concepção da prática do karaté enquanto *Budô*. Há também uma identificação com o “orientalismo”, ou seja, o carácter “japonês” da modalidade.

4. Conclusão

Se actualmente se pode falar de karaté formal e informal, de karaté competitivo e de recreio, de karaté institucional espontâneo, de karaté de competição de equipa e individual, de karaté de resultados e de karaté orientado para a saúde e bem-estar, não poderíamos estar mais de acordo quando Bruce Neuffer (2006) diz que o karaté é plural e os discursos dos praticantes são bastante heterogéneos. Pensar o karaté ou, de forma mais global, “*penser les arts martiaux*”, tal como nos aconselha Braunstein (1999), torna-se um imperativo.

Iniciamos o trabalho procurando ver em que medida a hipótese de que os karatecas possuem uma identidade comunitária. Para esse efeito destacamos a aproximação dessa identidade, ou entendimento que os karatecas têm para com a sua prática, à sua concepção enquanto *Budô*. Para comprovar o sentido da nossa hipótese não seria de todo necessário obter assim unanimidade nas opiniões dos karatecas, mas antes uma forte expressão de adesão aos valores de Budô. A existência de uma comunidade não implica um grau uniformemente forte de identidade dos seus membros.

Os resultados deste inquérito, ainda que sejam provisórios, demonstram certamente alguma pluralidade de significados do karaté. Mas já encontramos uma forte expressão de adesão aos valores de Budô, pelo menos de um núcleo, quase maioritário, senão mesmo maioritário. Estes praticantes mais graduados concebem a sua prática enquanto *Budô*, virada relativamente para uma tradição e uma filosofia, ou seja, uma identidade, e não apenas como uma mera vertente desportiva. Assim, poderemos concluir esta primeira análise dos resultados do nosso inquérito afirmando que existe evidência para prosseguir na exploração desta problemática.



Referências bibliográficas

- BOAVENTURA, João Correia (1995), *Estudo sobre as artes marciais orientais e as organizações não governamentais: mundiais, internacionais e nacionais*, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto do Desporto, INDESP/IDP.
- BOURDIEU, Pierre (1979), *La distinction: critique sociale du jugement*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (2001), *Razões práticas: sobre a teoria da acção*, 2.^a edição, Lisboa, Celta Editora (trad.: Miguel Serras Pereira).
- BOURDIEU, Pierre e HAACKE, Hans (1994), *Libre-échange*, Paris, Seuil.
- BRAUNSTEIN, Florence (1999), *Penser les arts martiaux*, Paris, PUF.
- CLÉMENT, Jean-Paul (1995), "Processus de socialisation et expressions identitaires: l'apport de la théorie de l'habitus et du champ en sociologie du sport", *Sport, Relations Sociales et Action Collective – Actes du Colloque*, 14-15 octobre 1993, Bordeaux Talence: MSHA, pp. 117-126.
- CLÉMENT, Jean-Paul (2001), "Les arts martiaux et la société française: sociologie historique de l'implantation du jūdō et de l'aikidō", *Daruma*, n.º 8/9, Automne 2000/Printemps 2001, pp. 175-199.
- CLÉMENT, Jean-Paul (1985), *Etude comparative de trois arts martiaux: lutte, judo et aikido*, Paris, INSEP.
- CYNARSKI, Wojciech J. (eds.) (2008), *Proceedings of the 2nd International Scientific Conference of Experts – Researchers on Martial Arts and Humanists: Martial arts, Combat Sports, Humanism (budō, kakugi, jindō)*, 25th-26th, Krono and Targowiska (Poland), Rzeszów, Rzeszów University Press.
- DEFRANCE, Jacques (1995), *Sociologie du Sport*, Paris, La Découverte.
- ELIAS, Norbert (2006), *O Processo Civilizacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote (trad.: Lídia Rodrigues), 1.^a ed.: 1989.
- FIGUEIREDO, Abel (2006), *A Institucionalização do Karaté: Os Modelos Organizacionais do Karaté em Portugal*, Tese de doutoramento, Lisboa, UTL/FMH (texto policopiado).
- GLANZ, Jeffrey (1995), "A school/curricular intervention martial arts program for students at-risk", *Journal of At-Risk Issues*, 2 (1), Summer, pp. 18-25.
- GRESSER, Bernard e DORVILLE, Christian (2006), "Lutte: une histoire de femmes", Comunicação apresentada no colóquio JORRESCAM, Tarbes, dias 1 e 2 de Junho (texto policopiado).
- KEN'EI, Mabuni (2004), *La Voie de la Main Nue – Initiations et Karate-Do*, Paris, Editions Dervy.
- LE REST, Pascal (2001), *Le karatéka et sa tribu, mythes et réalités*, Paris, L'Harmattan.
- LE REST, Pascal (2002), *Le visible et l'invisible du karaté: ethnographie d'une pratique corporelle*, Paris, L'Harmattan.
- MAUSS, Marcel (1950a), *Sociologie et Anthropologie*, Paris, Quadrige, PUF.
- MAUSS, Marcel (1950b), "Les techniques du corps", *Sociologie et anthropologie*, Paris, PUF.
- MORIN, Edgar (1977), *La Méthode*, Paris, Editions du Seuil.
- NEUFFER, Bruce (2006), "Enquêtes auprès des karatékas essoniens: essai de comparaison entre discours et pratiques", Comunicação apresentada no colóquio JORRESCAM, Tarbes, dias 1 e 2 de Junho.
- REIS, E.; MELO, P.; ANDRADE, R. e CALOPEZ, T. (1999), *Estatística Aplicada*, 3.^a ed., Lisboa, Edições Sílabo.



- ROSA, Vítor (2006a), “Estudo Sociológico sobre o Karaté em Portugal”, Comunicação apresentada nas VIII Jornadas do Departamento de Sociologia Universidade de Évora, subordinada às *Questões Sociais Contemporâneas*, 28 e 29 de Abril, pp. 1-16 (texto policopiado).
- ROSA, Vítor (2006b), “Razões para a prática do karaté em Portugal: síntese de um inquérito”, Comunicação apresentada no Colóquio *Percursos de Investigação em Sociologia*, 3.º ano do programa de doutoramento em Sociologia, 10 e 11 de Maio, ISCTE, pp. 1-9 (texto policopiado).
- ROSA, Vítor (2007a), “Estudo Sociológico sobre as Artes Marciais e os Desportos de Combate em Portugal”, Comunicação apresentada no Congresso Científico de Artes Marciais e Desportos de Combate (1.ª edição), Instituto Politécnico de Viseu, 13 e 14 de Abril (texto policopiado).
- ROSA, Vítor (2007b), “Encuadramiento Legal e Institucional de las Artes Marciales y Deportes de Combate en Portugal”, *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, Universidade de León (Espanha), vol. 2, n.º 4, Diciembre, pp. 8-31.
- ROSA, Vítor (2008a), “Motivações e entendimentos dos praticantes dos desportos de combate dual: um olhar exploratório”, Comunicação apresentada no I Congresso Científico Europeu de Judo: Aprendizagem e Rendimento, Lisboa, Universidade Lusófona, 10 de Abril (texto policopiado).
- ROSA, Vítor (2008b), “As artes marciais e os desportos de combate em números: um olhar exploratório sobre os dados numéricos ou estatísticos em Portugal”, Comunicação para participação nas X Jornadas do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, 15, 16 e 17 de Maio (texto policopiado).
- ROSA, Vítor (2008c), “Reasons for the karate practice in Portugal: synthesis of an inquiry”, Comunicação apresentada no 2nd *International Scientific Conference of Experts – Researchers on Martial Arts and Humanists: Martial arts, Combat Sports, Humanism (budô, kakugi, jindô)*, Krono and Targowiska (Poland), Rzeszów University of Physical Education, 25th-26th April (texto policopiado).
- ROSA, Vítor (2008d), “Las artes marciales y los deportes de combate en números: una mirada exploratoria sobre los datos numéricos o estadísticos en Portugal”, *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, Universidade de León (Espanha), (no prelo).
- SABOURET, Jean-François (1983), *L'autre Japon, Les burakumins*, Paris, Découverte-Maspéire.
- SILVA, Jorge Miguel (org.), (1991), *Soshinkai – 25 anos de presença (1996-1991)*, Porto, Shotokan Kokusai Karate-Do Portugal.
- STOLEROFF, Alan David (2000), “Profissão ou vocação: instrutores de karaté em Portugal”, Actas do IV Congresso Português de Sociologia, subordinado ao tema *Sociedade Portuguesa – Passados Recentes, Futuros Próximos*, de 17 a 19 de Abril, Faculdade de Economia de Coimbra, pp. 1-7.
- STOLEROFF, Alan David (2007), “Temas de investigação sociológica da prática de karaté e os seus significados”, Comunicação apresentada no Congresso Científico de Artes Marciais e Desportos de Combate, 13 e 14 de Abril de 2007, Instituto Politécnico de Viseu (texto policopiado).
- TOKITSU, Kenji (2000), *Budô-Le Ki et le Sens du Combat*, Editions DésIris, France.
- VICENTE, P., REIS, E. e FERRÃO, F. (1997), *Sondagens*, Lisboa, Edições Sílabo.
- WACQUANT, Loïc (2000), *Corps et âme. Carnets ethnographiques d'un apprenti boxeur*, Marseille, Agone.

¹ Na expressão de Marcel Mauss (1950a: 372), “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem”. No entanto, o corpo não é algo puramente físico que existe separado da sociedade. Os nossos corpos são afectados pelas nossas experiências sociais, bem como pelas normas e valores dos grupos a que pertencemos.

² É curioso notar que Pierre Bourdieu defendia que a sociologia deveria ser encarada como um desporto de combate, e não são raras, aliás, as analogias que utilizava a partir do campo desportivo (Bourdieu e Haacke, 1994: 113).

³ Em princípio, está-se a referir ao tempo de lazer, embora também levemos aqui em consideração as profissões desportivas quer de competidores, quer de instrutores (Veja-se Stoleroff, 2000).

⁴ Sobre o *Budô*, veja-se a obra de Kenji Tokitsu (2000).

⁵ O anúncio desta hipótese não significa que façamos aqui alguma análise comparativa, embora tenhamos dados que permitem analisar em que medida o karaté é praticado em exclusividade em relação a outras actividades desportivas.

⁶ Tanto as técnicas como os diferentes ritos são designados em terminologia japonesa e espera-se que o praticante aprenda e utilize essa terminologia, mesmo que não saiba falar japonês.

⁷ Esta referência não é da nossa invenção; é antes um título que os próprios karatecas utilizam como auto-identificação!

⁸ Até certo ponto a nossa interrogação quanto à identidade e cultura do grupo enquanto comunidade poderia levar-nos a construir uma analogia entre o estudo cultural do karaté e o estudo de *seitas*, que constituem comunidades de auto-identificação com base em ideologias e ritos derivados.

⁹ Ambos os investigadores-autores desta comunicação são praticantes de karaté de nível avançado. Alan Stoleroff é 3º Dan da Associação Portuguesa do Karaté-Do. Vítor Rosa é 1º Dan da Associação Shotokai de Portugal.

¹⁰ Note-se que entre o branco e o negro os karatecas percorrem um caminho cromático de cintos. A verticalidade das graduações (cintos) estrutura as relações sociais entre os grupos de praticantes. No quadro 5, verifica-se que 37,3% dos respondentes consideram muito importante as passagens de graduação e a hierarquização pelas graduações entre os praticantes.

¹¹ No *dojo* não existe uma anarquia. Ao contrário, é a graduação que dita o lugar a ocupar: à direita o mais graduado e à esquerda o menos graduado. A partir do cinto negro os graus não são visíveis. Contudo, os cintos negros geralmente têm consciência de quem é 1.º Dan, de quem é 2.º Dan, e assim sucessivamente (Stoleroff, 2000).

¹² É com base nesta observação que poderíamos emprestar a expressão de “tribos” como o etnólogo Pascal Le Rest (2001) o que preconiza um significado identitário que ultrapassa a mera vertente defensiva (leia-se aprender a dar pontapés e murros), tal como refere Glanz (1995).

¹³ Os clubes onde se praticam os diferentes estilos de karaté apresentam uma riqueza de designações: academias, centro, escola, instituto, núcleo, união, associação, círculo (Boaventura, 1995).

¹⁴ A propósito, nota-se que muitos instrutores não têm cursos específicos de educação física; limitam-se a “imitar” a formação que lhes foi dada ao longo dos anos durante os treinos. Temos conhecimento que alguns exercícios de aquecimento muscular foram proibidos pela Federação Americana de Karaté (por exemplo, os “saltos de coelho”), por serem prejudiciais para a saúde (ao nível das articulações dos joelhos e coluna vertebral), mas continuam a ser aplicados em vários centros de prática.